

APRESENTAÇÃO

Desde a sua origem moderna – a instigante aventura de Montaigne –, o ensaio habilita um espaço discursivo de caráter experimental no qual o sujeito se põe em jogo na deriva de uma escrita provisional, assistemática e descontínua, que prescindindo do direcionamento do plano prévio e das certezas conclusivas. Essa disposição experimental liberta o ensaio das grades classificatórias dos gêneros literários e dos saberes disciplinares, propiciando a configuração de textualidades de fronteiras permeáveis que corroem as convenções discursivas. Se na atualidade o domínio da literatura perdeu a nitidez de suas demarcações e se expande em direção de outros discursos e linguagens, colocando em questão a sua especificidade e autonomia, consideramos oportuno revisitar a escrita ensaística como prática de exploração liminar que desestabiliza as formas institucionalizadas da literatura. Esse propósito norteou a organização deste dossiê da revista *Remate de Males* a qual reúne um conjunto de artigos voltados para o estudo do ensaio e as escritas liminares de diversas literaturas (brasileira, hispano-americana, inglesa, alemã, francesa, espanhola, canadense) e épocas (do século XVIII à atualidade). Essa linha de indagação projeta-se, ainda, em alguns dos artigos avulsos, em duas resenhas e em uma entrevista que completam o volume.

O dossiê abre-se com a tradução do artigo “O ensaio em diálogo. Da terra firme ao arquipiélago relacional” de Liliana Weimberg, pesquisadora da Universidad Nacional Autónoma de México, de reconhecida trajetória no estudo do ensaio hispano-americano. A autora apresenta aqui os lineamentos de uma abordagem crítica do ensaio, a qual, sem perder de vista a singularidade da configuração textual desse gênero, enfatiza a atenção na dimensão dialógica dele, isto é, na inscrição do ensaio em um horizonte social discursivo no qual ele intervém ao passo que contribui para

a constituição. No intuito de colocar em evidência essa condição dialógica do ensaio, Weinberg retorna a dois momentos-chave da literatura latino-americana que delimitou em estudos anteriores e que são de particular interesse para este dossiê. No primeiro deles, denominado “o ensaio em terra firme”, a autora reconhece uma etapa de normalização do gênero que, nas primeiras décadas do século XX, fundou seus alicerces na aliança que os intelectuais da América Latina souberam estabelecer entre literatura, linguagem e cultura letrada, reforçando a faculdade de intervenção do discurso ensaístico na esfera pública. No segundo momento, denominado “o gênero sem margens”, a autora sinaliza as novas configurações do ensaio, as quais, sem perder capacidade crítica, propõem outras soluções simbólicas a questões de urgente atualidade, tais como o abandono de uma noção universalista e letrada da cultura, o questionamento da especificidade do discurso literário, a crise da função do intelectual no espaço público e, ainda, a interferência dos novos suportes tecnológicos na circulação da palavra. Embora a reflexão crítica de Weinberg se recorte no âmbito da literatura latino-americana, ela permite visibilizar aspectos e desdobramentos do ensaio reconhecíveis em outros espaços literários, os quais não foram indiferentes às possibilidades de uma escrita que, fundada na experiência do sujeito e aberta à experimentação, coloca a literatura em estado de absoluta disponibilidade.

Nesse sentido, a segunda seção do dossiê, *Limières do literário*, reúne seis artigos que se debruçam sobre escritas que resistem às taxonomias discursivas e que, na sua indeterminação, impulsionam a literatura para o impensado, demandando outros modos de aproximação crítica. A potência criativa das cartas de Antonin Artaud, a exploração filosófica dos cadernos de Mario Ortiz, os trânsitos biográficos da ficção de Daniel Guebel, os deslocamentos entre a crítica, a teoria e a ficção de Enrique Vila-Matas, Alberto Mussa e Nancy Huston, encontram aqui leituras atentas ao caráter tentativo, provisório e ambíguo de textualidades que, seguindo a trilha aberta pelo ensaio, estreitam os vínculos entre escrita e vida e, assim, expandem o domínio do literário para as margens de uma incerteza discursiva que recusa qualquer denominação.

Ainda com relação a essa disposição experimental do ensaio, cabe salientar que ela não se restringe a uma reconfiguração de ordem estética das formas discursivas, pelo contrário, enquanto crítica cultural de relevante tradição moderna, a escrita ensaística comporta uma dimensão ética pela qual o sujeito se coloca em jogo e formula para si mesmo questões de

valor e de sentido último. Esse aspecto do ensaio, assim como das escritas liminares que com ele dialogam, não é menos relevante se atentemos à intervenção socialmente crítica à qual essas práticas discursivas aspiram.

Os cinco artigos reunidos na terceira seção do dossiê, “Escrever ensaio, explorar a memória, testemunhar o mundo”, interrogam essa dimensão ética pela qual o sujeito da escrita se arrisca na busca de uma verdade, não para enclausurá-la na esterilidade do gesto assertivo, mas para tornar possível o instigante vislumbre dela. Assim, esses artigos indagam o traço testemunhal dos ensaios de Jean Améry sobre os campos de concentração nazista, as tensões entre ficção e testemunho nos relatos de Carlos Martinez Moreno sobre a repressão na ditadura uruguaia, o gesto polêmico da ensaística de Juan José Saer quando se interna na história política da Argentina, a potência poética da escrita fragmentária de Luis Cernuda no exílio e, ainda, a provocativa mescla de ensaio e ficção que Barthes forja como relato de sua viagem à China da revolução cultural. Nessa linha de indagações, também podem ser pensados os três artigos reunidos na seção “Ensaio, crítica e esfera pública”, que se debruçam sobre a ensaística de William Hazlitt, Hernando Téllez Sierra e Joaquim Nabuco, focando em particular a sua relação com o exercício da crítica, seja ela estética, literária ou política.

A última seção do dossiê, “Entre a escrita e a imagem”, apresenta dois artigos que refletem sobre a condição liminar do ensaio em relação com outras linguagens. O primeiro aborda a relação entre escrita e artes plásticas que explora Gustavo Cochet no contexto da Guerra Civil Espanhola. O segundo aporta uma reflexão sobre um filme de Michel Moore e sinaliza as experimentações atuais do cinema que, tornando-se permeáveis à dimensão subjetiva do ensaio, buscam reformular as pautas tradicionais do documentário.

Algumas das questões abordadas no dossiê retornam nos artigos avulsos. Dialogam com a proposta deste número da revista, o artigo que analisa as ficções errantes de Sergio Chejfec, o estudo das crônicas de Roberto Arlt sobre a Segunda Guerra Mundial e, ainda, o texto que aborda a polêmica sobre a Guerra de Malvinas protagonizada por Néstor Perlongher e os escritores da revista *Sítio*. Também duas resenhas vinculam-se ao tema proposto; em particular a leitura do livro de Alberto Giordano, *A senha dos solitários: diários de escritores*, e a resenha do estudo de Marcus Vinícius Nogueira Soares, *A crônica brasileira do século XIX: uma breve história*. Por último, destaca-se a entrevista de Graciela

Speranza, realizada por Tiago Guilherme Pinheiro em 2013, a qual, oferece a interessante posição de uma estudiosa das artes visuais e da literatura na América Latina, ela que explora com agudeza as zonas de indeterminação que se configuram nas fronteiras desses campos artísticos e atualiza, em cada um de seus estudos, as potencialidades do ensaio como forma de expressão de uma experiência estética e de uma reflexão crítica sobre a arte.

Ana Cecilia Olmos